

HISTÓRIA E CONTRAPONTO DO CARIBE AFROANDALUZ EL CARIBE AFROANDALUZ, HISTORIA Y CONTRAPONTO.

Antônio García León¹

Tradução de Dernal Venâncio Ramos Junior²

Resumen: El presente texto es la traducción al portugués del primero capítulo de la obra *El mar de los deseos: El Caribe afroandaluz, historia y contrapunto*, del historiador mexicano Antonio García de León, publicada por el Fondo de Cultura Económica de México. Este primer capítulo traducido tiene por título, en la obra original, “El mar de los encuentros, un mediterráneo americano”. En nuestra traducción el título escogido ha sido “Historia y contrapunto del Caribe afroandaluz” por varios motivos, uno de ellos ha sido darle centralidad al concepto de Historia ya que este capítulo es una aproximación histórica. Otro motivo ha sido dibujar con esta traducción, una miniatura del universo caribeño afroandaluz que Antonio García de León nos presenta en su obra. Tanto la obra completa como esta primera parte tratan de dibujar un nuevo horizonte de reflexión sobre el Caribe que recoge e incorpora no solo la experiencia de África, sino también la del sur de Europa, en este caso Andalucía y los territorios conquistados por Castilla en el sur de la península como preludio del mundo que se habría de conformar en el Caribe.

Palavras-clave: Caribe; Historia; afroandaluz.

Resumo: Este texto é a tradução em língua portuguesa do primeiro capítulo da obra *El mar de los deseos: El Caribe afroandaluz, historia y contrapunto*, do historiador mexicano Antonio García de León, publicada pelo Fundo de Cultura Econômica do México. Esse capítulo intitula-se, no trabalho original, “O mar de los encuentros, un mediterráneo americano”. Nesta tradução, contudo, o título escolhido, por várias razões, foi “História e contraponto do Caribe afroandaluz”. Uma delas é a necessidade de dar centralidade ao conceito de História, já que esse capítulo produz uma abordagem histórica. Outra razão é a necessidade de desenhar, com esta tradução, uma miniatura do universo caribenho afro-andaluz que Antonio García de León apresenta em sua obra. Tanto o trabalho completo como essa primeira parte tentam traçar um novo horizonte de reflexão sobre o Caribe que recolhe e incorpora não somente a experiência da África, mas também a do sul da Europa, neste caso a Andaluzia, Sevilha e os territórios

¹ Antonio García de León Griego nació el 27 de agosto de 1944 en Jáltipan de Morelos, en el sur del Estado de Veracruz. Maestro en Lingüística por la Escuela Nacional de Antropología e Historia y Doctor en Historia por la Universidad de París I Panthéon Sorbonne, es hablante de la lengua nahua y destacado músico jaranero, versador e investigador del son jarocho tradicional. Su producción científica comprende cerca de ciento cincuenta artículos y una extensa serie de libros y ensayos de lingüística, antropología, historia, economía regional, movimientos sociales y musicología, referidos al Estado de Chiapas, el puerto de Veracruz y su costa de Sotavento y al Caribe continental e insular. Agradecemos de todo corazón al Profesor Antonio García de León que se haya prestado a colaborar en la traducción de este fragmento de su obra *El mar de los deseos: El caribe afroandaluz, Historia y contrapunto*.

² Tradução Dernal Venâncio Ramos Júnior e correção técnica de Thiago Grot de Melo e Sariza Oliveira Caetano Venâncio. E-mail: dernivaljunior@gmail.com

conquistados por Castela no sul da península, como um prelúdio para o mundo a ser formado no Caribe.

Palavras-chave: Caribe; História; afro-andaluz.

Abstract: This text is a Portuguese translation of the first chapter of the work *El mar de los deseos: El Caribe afroandaluz, historia y contrapunto* by the Mexican historian Antonio García de León, published by the Fondo de Cultura Económica do México. The translated chapter is entitled, in the original work, “The Sea of Encounters, an American Mediterranean”. In our translation the title chosen has been “History and counterpoint of the Afro-Andalusian Caribbean”. This modification is justified for several reasons, one of them has been to give centrality to the concept of History since this chapter is a historical approach. Another reason has been to draw with this translation, a miniature of the Afro-Andalusian Caribbean universe that Antonio García de León presents in his work. The complete work as well this first part try to draw a new horizon of reflection on the Caribbean that collects and incorporates not only the experience of Africa, but also that of southern Europe, in this case Andalusia and the territories conquered by Castile in the south of the peninsula as a prelude to the world to be formed in the Caribbean.

Keywords: Caribbean; History; afro-andalusian.

O furacão

Caminhando por rotas imprevisíveis e soprando de leste a oeste, do final da primavera até o outono, os ventos sem rumo nem morada amadurecem no Atlântico central, ruminando como geadas, o que depois será uma enorme fúria desatada. E à medida que avançam, convertendo-se em furacões de intensidades variadas, abatem-se sobre o Caribe insular com força particular, atravessando o comprido mar até tocar as primeiras ilhas solitárias. Caminham com as correntes e às vezes as enfrentam, marcando as fronteiras do mar do Caribe, os limites de sua navegação, os caminhos intangíveis de sua conformação histórica. É o vento descendente que voa sobre os portos, evitando as alfândegas e estações, as vilas, os bairros e as ruelas de salitre. Neste mar quente, onde os vendavais e as correntes mais frias do Atlântico procuram refúgio e abrigo, onde inclusive as águas profundas são temperadas, os recifes costuma crescer mais rápido e os furacões são perceptíveis por causa de sua potência e capacidade destrutiva. Contudo, no Golfo do México, que é até onde o seu caminho os conduz, as águas quentes são mais superficiais, o que facilita a sua transmutação em torvelinhos úmidos e tempestades elétricas. É por isso mesmo que no Caribe os furacões são deuses da fertilidade por meio da prévia destruição e, no Golfo, se transformam, como no el Tajín dos totonecas, em deuses agrícolas do trovão e da chuva. Na sua integração ao mar, na turbulência de um fenômeno que

confunde ondas e ventos fortes – e na sua violência apaga os limites entre a arte e a superfície marinha –, o Golfo é o lugar perfeito para o suicídio desses gigantescos monstros helicoidais que os indígenas do Caribe e Mesoamérica imaginavam caminhar destruindo a tudo com a ajuda de apenas uma de suas extremidades³. Pela temperatura das águas, as rajadas tendem a perder intensidade uma vez que alcançam espaços além da península de Yucatán, onde os rios do litoral assomam no verde marinho grandes sulcos de água lodosa. Ao atravessar a plataforma da península, perdem força, arrastando sua extremidade sobre casas e plantios. Contudo, ao fundir de novo sua perna giratória na superfície marinha do Golfo do México, acabam por converter-se em caóticos “nortes” que eludem através de seu caminho o obstáculo dos relâmpagos.

O furacão ao interagir com o mar acaba por afetar a sua própria intensidade, e ao engolfar-se nessas águas intercaladas se dispersa em ventos furacoados, que por serem mais fracos não acabam sendo menos perigosos para a navegação. Porém, à destruição, à chuva e às inundações, segue a calma e com ela a fertilidade e a renovação.

O Caribe espanhol colonial: uma comunidade histórica

Este conjunto de arquipélagos, ao emergir como refúgio de furacões, moldados por seu impacto constante e cíclico, mantém em gestação permanente as ilhas antilhanas. É o produto de muitos itinerários aleatórios, sendo o da conquista europeia, o de sua integração ao império espanhol, um dos mais decisivos para a conformação de sua história posterior, para o início de um múltiplo desabrochar. Ali, pela primeira vez, nos finais do século XV, o Velho Mundo encontrou, através dos mares, um novo prelúdio, uma porta de entrada até um espaço desconhecido, tornando realidade as suas fantasias. De um momento a outro, o planeta deixou de ser uma superfície plana e foi reconhecido como uma esfera, permitindo a aproximação dos continentes e o início de uma nova aventura humana, tão fundadora e infinita como nos dias da Origem.

Derivado de um furacão de grandes consequências, o Caribe é um dos espaços culturais mais complexos que foi formado nos últimos séculos: um recife nervoso e enérgico que foi forjado em alta velocidade a partir do desembarque de Colombo e seus homens nas Antilhas Menores e Maiores, adquirindo desde o início características particulares. O conjunto de ilhas

³Pois na língua quiché “hurakán” significa “o que possui apenas uma perna”. (ORTIZ, 1947)

e regiões continentais que circundam esta parte do grande Oceano Atlântico formou um universo privilegiado para a gênese do mundo através da voracidade de furacão de seus encontros; um laboratório de mudança social em águas mornas nas quais se gestaram muitas das condições que fariam possível a posterior consolidação da dominação europeia na Terra Firme. A transição mundial para o capitalismo, o grande processo que se desenvolve do século XV até a Revolução Industrial, teve muita de sua materialização geográfica resumida no Caribe, sobretudo no que se refere ao tráfico do chamado “tesouro americano” – o ouro e a prata do Peru e Nova Espanha – e à transferência de modos e maneiras que explica os caminhos da expansão europeia para a periferia. Isso deu à região um caráter duplo de umbral e de fronteira “líquida”: por um lado, no sentido de ser uma estação de passagem, de entrada e saída até o continente; e, por outro, por haver se convertido em uma situação de prelúdio e avanço, que prefigurou muitas vezes com grande antecedência as formações posteriores do que chamamos “globalização”. O Caribe, nesse sentido, é o umbral da vida moderna, a articulação de uma integração inacabada à economia mundial, mas que, ao torná-la possível, assegurou do mesmo modo a sua posterior marginalização. É por isso que neste texto termos como “mundialização”, “capitalismo”, “barroco” etc. adquirem também o viés particular da maneira como a grande região assumiu esses fenômenos, os converteu em algo seu e os transformou.

Em uma perspectiva de longa duração, o Caribe foi e continua sendo um caldeirão cultural, de raças e costumes; um espaço imbricado que nos primeiros séculos da colonização prefigurou como os primeiros avanços universais do que conhecemos hoje como “modernidade”, parte significativa do cosmopolitismo atual. No entanto, grande parte dessa antecipação do futuro baseava-se em um sistema intensivo de exploração da força de trabalho, originalmente indígena, que foi dizimada pelo trabalho forçado e pelas epidemias e, em seguida, através do uso, do controle e reprodução da mão de obra forçada de origem africana. Seu impulso chegou até tempos muito recentes com a manutenção, em alguns países, do tráfico escravista até finais do século XIX, e ainda marca diversos atrasos presentes na região, a marca indelével da condição colonial. No século XVIII, enquanto na Inglaterra dava-se o grande salto da Revolução Industrial, nas ilhas do Caribe francês (principalmente Saint Domingue, hoje Haiti) – e no projeto urbanizador e produtivo dos holandeses nas Guianas – uma “revolução agrícola” da cana de açúcar assentava as bases para a segunda fase da expansão europeia, a que já não se basearia apenas nos tesouros das minas espanholas e sim no aumento e qualidade da esfera da produção têxtil e agroindustrial. Desse modo, em cima dos aspectos arcaicos da escravidão se prefigurava e entrelaçava a modernidade capitalista, que sempre carregou, e no

Caribe como em nenhuma parte, “o pecado original” da rapina, o furto, a destruição ambiental e a exploração mais implacável.

O significativo para o tema que tratamos de desdobrar é que, entre 1492 e a Grande Depressão de 1873, que termina na guerra hispano-americana de 1898 – em um lapso de quase quatro séculos –, o Caribe conseguiu constituir uma comunidade histórica fortemente articulada por meio de traços comuns, enlaçada por um sistema de circulação mercantil que conectava entre si as ilhas das Antilhas e do Atlântico, as regiões vizinhas da Terra Firma, a costa ocidental da África e a Península Ibérica. Essa forte comunicação externa e interna perdeu-se a partir do final do século XIX, em grande medida por causa da dominação dos Estados Unidos sobre a área, quando o Caribe passou a ser o *mare nostrum* de sua hegemonia regional. Porém, antes que isso ocorresse, e durante séculos, as diferentes orientações econômicas da colonização e do povoamento espanhol, francês, inglês, português, dinamarquês e holandês foram imprimindo seu caráter particular, separando e distinguindo as diversas regiões entre si. De fato – em função da circulação de metais preciosos para a metrópole –, pode-se distinguir duas etapas na história do Caribe propriamente colonial: em primeiro lugar, o tempo compreendido entre 1492 e 1660, quando mais de dois terços do ouro e prata que se dirigia à península vinham de Potosí, do Peru, pela via de Portobelo, convertendo o istmo panamenho no eixo articulador do Caribe; e, em segundo lugar, a que vai de 1660 a 1800, quando esse o eixo se deslocou para o Golfo do México, com pontos-chave em Vera Cruz e Havana em função da prata das minas mexicanas (TEPASKE, 1983).

As orientações produtivas também foram criando diferenças regionais mesmo em ambientes muito próximos. Por exemplo, já no século XVIII, na ilha que Colombo chamara La Hispaniola, e depois Santo Domingos, dois sistemas coloniais conviviam e se distinguiam: a parte espanhola, atrasada e girando ao redor da pecuária extensiva; e a parte francesa – altamente produtiva – que fazia do Haiti o enclave açucareiro mais desenvolvido da área, e não em vão o primeiro que empreendeu uma revolução anticolonial. Porém, o atraso da primeira era paradoxal, pois baseava-se na mestiçagem racial e cultural e contava com o espaço urbano de Santo Domingos, o que lhe dava um aspecto “moderno”, enquanto que o progresso da segunda dava-se sobre um sistema fechado, de separação humana, barreiras raciais e eficiência produtiva, muito mais predadora dos ecossistemas originais, o que lhe conferia um caráter

“atrasado” e rural⁴. O contrabando, o comércio ilícito e a pirataria, nos quais interagiam os colonos espanhóis e os comerciantes, colonos e piratas ingleses, franceses e holandeses, funcionavam no Caribe como uma tendência contrária, que ia além das ineficiências da Coroa Espanhola e do rigor relativo de seu sistema monopolístico, e que, ao mesmo tempo, contribuía para que se relacionassem colonos e vassallos da língua espanhola, portuguesa, inglesa e francesa, assim como de várias línguas do Caribe indígena, línguas africanas e variantes “criolas”, línguas “pidgin”, “sabires” ou “papiamentos” surgidos desse particular amálgama entre as línguas europeias, africanas e araucanas.

Assim, o Caribe espanhol era nada mais que a extensão do complexo mercantil estabelecido pelo monopólio comercial de Sevilha, ligado de maneira permanente pelo sistema de frotas que iam e vinham extraindo as matérias primas e os metais preciosos do continente e inundando os mercados com produtos manufaturados no Velho Mundo. O Caribe não era, contudo, o centro do império colonial espanhol. Ele era o primeiro ponto de passagem, a garganta comercial, um lugar de passagem dos metais preciosos e matérias primas. Era também uma área onde se dirimiam os conflitos com as outras potências europeias, impedindo a chegada das guerras europeias à Terra Firme americana e servindo de resguardo e vigia de dois dos principais territórios do império no continente: a Nova Espanha e o Vice-reino do Peru. Foi essa gigantesca transferência de valor que permitiu o desenvolvimento europeu e não propriamente espanhol, pois, com o passar dos anos, a Espanha se tornou “as Índias de Europa”, financiando com o tesouro americano a Revolução Industrial na Inglaterra e em outros países do velho continente. No contexto de um crescente atraso, a colonização espanhola deste norte tropical do império da casa de Áustria na América enlaçou também as mentalidades, as culturas e as ideias, criando, como veremos, saberes particulares, comunidades de fala e províncias folclóricas de intensa interação, fricção e mestiçagem, que respondia de maneira similar frente aos desafios naturais e sociais, e que conformavam um código comum que era já visível desde o século XVII.

Já declarado como “Caribe andaluz” (CHAUNU, 1955-1959), o espaço geo-histórico espanhol nesta parte da América foi produto de uma primeira colonização, de maneira primordial procedente do sul da Europa nesses séculos – de Andaluzia e Estremadura –, que esteve fortemente marcada pelas rotinas culturais dessa antiga Bética romana: já no século XVI,

⁴Isso é perceptível na crônica de Moreau de Saint-Méry (ver Saint-Méry, 1798 e 1798)

um espaço intensamente cosmopolita, com o substrato das antigas populações ibéricas e romanas sujeitas à prolongada dominação árabe e mulçumana, com um comércio controlado pelos judeus sefarditas, os genoveses e os venezianos, e com um número crescente dos primeiros negros ladinos trazidos da Guiné e outras partes do mundo subsaariano. Dali, difundiu-se o primeiro ensaio para o estabelecimento de *encomiendas*, escravização africana e colonização na própria Andaluzia e nas ilhas próximas à África, principalmente nas Canárias, uma vez que os obstáculos da reconquista se romperam no ano de 1492, ano da queda de Granada sob o poder dos Reis Católicos e da chegada de Colombo ao Novo Mundo. Essas ilhas que dão acesso ao Atlântico – originalmente chamadas de “ilhas afortunadas” –, junto com os Açores, Madeira e Cabo Verde, foram lugares de passagem e ponta de lança do mundo mediterrâneo; nelas, surgiram os modelos de conquista e colonização da América espanhola e portuguesa e lugares de aclimatação de plantas e animais, o que as converteu em retaguarda e antessala do Caribe (CUNILL GRAU, 1999). O ano do desembarque é também o divisor de águas da dominação árabe, quando a intolerância cristã imporá para sempre um padrão único, dominando os mulçumanos e convertendo-os em *mouriscos*, expulsando depois os judeus e impondo a hegemonia econômica e cultural dos “velhos cristãos”. Assim, o Caribe andaluz – e a transferência geral da cultura andaluza à América colonial – será a continuação lógica desse processo contraditório no qual a população escrava arrancada de vários grupos étnicos e nações da costa atlântica africana terá, de maneira especial quando os “índios” desaparecem das ilhas, um papel fundamental e definitivo em vários aspectos. O Caribe não poderia ser explicado, sobretudo depois da segunda metade do século XVI, sem a presença crescente – que resultaria definitiva – e diversificada do mundo africano, e que já estava fortemente implantada na Espanha desde muito tempo antes.

O Caribe andaluz (GARCÍA DE LEÓN, 1992)⁵, e de maneira mais adequada afroandaluz, possui assim uma concretude econômica fortemente marcada pelo comércio marítimo de grande distância e pelo que subjaz: uma mentalidade aberta à troca e ao intercâmbio, uma memória fragmentada, uma reunião de partes quebradas no qual o suspiro da história dissipa-se no altar do imediato. De fato, este Caribe está configurado sobre uma estrutura anterior pré-hispânica, a área Circuncaribe, que compartilhou traços culturais comuns,

⁵Nessa noção, o *andaluz* não se refere às descidas e transferência de população andaluza para as Índias (que é alta) e sim, mais que tudo, ao *carácter* de língua e cultura, marcadas pela proeminência de Sevilha (e depois de Cádiz) no tráfico comercial e financeiro dos séculos coloniais.

quando constituía para as etnias indígenas um mar interior aprisionado em seus próprios ventos e correntes: conectado, na parte sul, com a Terra Firme e separado, ao norte, pelas barreiras dos canais da Flórida e Iucatã. Dessa maneira, constitui-se um espaço geográfico determinado por uma fronteira natural, em uma elaboração histórica longamente construída, na qual a natureza insular, a imensidade marítima e o caráter litoral da paisagem não são apenas um acidente geográfico, mas a parte mais íntima da consciência dos homens que o habitam.

Porém, ao longo dos séculos coloniais, este espaço sofreu mudanças fundamentais em sua configuração. No século XVI, era ainda um mar fechado e controlado pela Coroa Espanhola, mas depois teve que se abrir à presença agressiva de outras potências, que colonizaram por bem ou por mal partes de seu território insular e de seu litoral. Essas etapas, em sua configuração, foram modelando um Caribe nuclear que era a área original da expansão espanhola nas Antilhas e, através de uma série de rede econômicas e culturais, um Caribe “ampliado”, determinado pela atividade comercial de longa distância.

Este Caribe movediço estende-se principalmente a partir do século XVII em torno do eixo dos portos da famosa Carreira das Índias: Sevilha (e Cádiz como sua extremidade marítima) na Andaluzia e Vera Cruz no Golfo do México. A partir dessa espinha dorsal, a "rota das frotas" centrou-se muitas vezes na Cidade do México (da qual Vera Cruz era o seu porto e o ponto de entrada), e se estendia até as Filipinas, surgindo imensos ramos, afluentes e círculos de influência de longa distância. A outra coluna, a "rota do galeão", foi estabelecida entre Sevilha, Porto Belo e Cartagena das Índias, e é aquela que adquire uma preponderância inicial porque é o caminho para o Peru. Com um conjunto muito diversificado de portos marítimos, o Caribe é também um mar povoado de fortalezas, embarcadouros circunstanciais, baías e enseadas que favoreceram o contrabando, portos fortuitos e litorais repletos de uma vigorosa vida comercial, legal e ilegal.

Compreende, assim, um espaço nuclear: formado pelo mar das Antilhas propriamente dito, com seu rosário de ilhas menores e maiores, que emergem a partir da Flórida e do arquipélago das Bahamas e vai até o oriente da Venezuela, formando um arco de ilhas que se estende, como a parte que sobressai do espinhaço de um imenso monstro marinho, ao longo de 5 mil quilômetros, seguindo uma direção de noroeste a sudeste. Este Caribe insular é o núcleo da grande região e tem uma superfície de 238400 km², dos quais Cuba, uma das quatro maiores ilhas, ocupa quase a metade, 114524 km², ou seja, 48.04% do total da superfície emersa das águas. As ilhas de Cuba, Jamaica, Santo Domingo e Porto Rico, chamadas de Antilhas Menores, estendem-se sobre 210900 km², ou seja, 89% da superfície antilhana. Por outro lado, o

encadeamento de ilhas, ilhetas e *cayos*⁶ das Antilhas Menores ocupa 13600 km², isto é, apenas 5.5% da superfície total. Destacam-se, nestas, as ilhas de Sotavento e Barlavento, as ilhas holandesas (Aruba, Bonaire e Curaçao), a ilha inglesa de Trinidad e a ilha de Margarita na Venezuela. Entre as de Sotavento, estão as Ilhas Virgens inglesa e norte-americana, a Guadalupe francesa, São Eustáquio, Saba, San Martim, Antígua, Saint Kitts, Nevis, Anguila e Montserrat. As ilhas de Barlavento são Martinica, Dominica, Santa Lucia, São Vicente, Granada e as Granadinas (CARTAY, 1988). Milhares de pequenas ilhotas desabitadas rodeiam-nas, enquanto o resto desse espaço está ocupado pelas quase 700 ilhas e ilhotas das Bahamas, localizadas entre a Flórida e a costa norte de Cuba, uma das quais era a mítica Guanahaní, visitada por Colombo na sua primeira viagem, em 12 de outubro de 1492.

Contudo, o *Gran Caribe*⁷ como produto histórico estende-se muito além das Antilhas, abarcando em seu caráter ampliado as regiões imediatas da plataforma continental resguardadas pelo seu mar, ou seja, a Flórida, a Louisiana, a Península de Iucatã, partes da costa atlântica da América Central, Panamá, a costa atlântica da Colômbia, a costa da Venezuela e as Guianas. Este Caribe histórico compreende do mesmo modo grande parte do litoral mexicano do Golfo, em especial as regiões próximas aos portos de Vera Cruz e Campeche – nas suas costas de Barlavento e Sotavento –, tendo sua influência adentrado até o altiplano da Nova Espanha. A relação do Caribe insular com a costa do Golfo mexicano formou-se depois da conquista espanhola, a partir da chegada, vindo de Cuba, de Cortés, e se consolidou, mesmo em realidade tendo antecedentes históricos mais antigos⁸, com o sistema de frotas e a fundação do porto de Vera Cruz.

O Caribe, espaço que propõe e marca o comércio marítimo nos dois primeiros séculos coloniais, entrelaça-se naturalmente com Andaluzia e Algarve do sul de Portugal, sobretudo em virtude da permanência secular do tráfico escravista, que involucra portugueses pelo menos até 1640. Relaciona-se além disso com as ilhas Canárias, com os Açores e Madeira e com as ilhas de Cabo Verde, e com a vizinha costa africana. Dessa maneira, quando nos referimos ao

⁶ Segundo o Dicionário da Real Academia da Língua Espanhola, “cada uma das ilhas rasas e arenosas, frequentemente alagadas e cobertas de mangues, muito comuns no mar das Antilhas e no golfo do México”. Disponível em <https://dle.rae.es/?id=82flfxV>. Consultado em 30 de junho de 2019.

⁷ Optou-se por manter a expressão original em espanhol.

⁸ Pelo menos, a partir do pré-clássico médio mesoamericano (cerca de 1500 a 1200 antes de nossa era), época em que se desenvolveu a cultura olmeca no sul de Vera Cruz. Várias marcas “circuncaribes” eram ainda visíveis nesta região do Golfo no século XVI, o que permitiu um primeiro enclave dos “espanhóis antilhanos” na área em momento anterior à colonização do Altiplano, bem como a implantação ali de uma cultura de matriz caribenha.

“Caribe”, propomos uma área muito mais complexa que o Caribe tal como o conhecemos hoje, formada por estes dois imensos círculos geo-históricos, as Antilhas e o seu espaço ampliado.

Desde a última década do século XV, ocorrerá aqui uma fusão muito especial entre os colonos vindos da península ibérica – antes e depois de concluídas as guerras de conquista –, com os indígenas das Antilhas e da Terra Firme e com as diversas etnias africanas. Uma vez que a exploração do ouro de superfície desapareceu dos estabelecimentos europeus das Antilhas, essa fusão estará marcada pelo desenvolvimento de dois tipos de atividades econômicas: a economia de plantação, principalmente de plantação açucareira – o trapiche, o engenho; e a fazenda de gado, cujos hábitos pastoris e de criação vieram da Andaluzia e da África Central. O cosmopolitismo anterior, freado seriamente no sul da Espanha e de Portugal pela dominação castelhana e católica, será recriado aqui em um novo contexto e com novos atores. Este amálgama inédito um século depois estará, além disso, fortemente marcado pelas extremidades da cadeia: a metrópole peninsular centralizada em Sevilha e a Nova Espanha do Altiplano mexicano, que serve de retaguarda e é o mais bem sucedido transplante de uma economia altamente diversificada enquadrada dentro de padrões econômicos e morais da Coroa Castelhana e cuja capital é a cidade do México.

Porém, desde o século XVI, esse Caribe andaluz possui a dimensão mais ampla do comércio, que se expande na medida em que se consolida. Em outro sentido, o Caribe é também o desdobramento de outro espaço anterior: o Mediterrâneo, um imenso mar centrado em si mesmo que chegou ao novo continente através do filtro caleidoscópico de Andaluzia e das Ilhas Canárias. Embora o Caribe colonial não seja um mar tão interior no sentido geográfico, tende a constituir-se na cultura como um outro Mediterrâneo de maiores proporções, que acaba por adquirir uma dimensão interiorizada, favorecida por suas relações anteriores...

O Caribe andaluz será também o universo de terras baixas tropicais, que é o entorno das ilhas e os litorais do continente, onde convivem tempos históricos muito diferentes: o das sociedades indígenas que seriam absorvidas e exterminadas nas Antilhas (embora não totalmente na Terra Firme) a partir de meados do século XVI, o dos agrupamentos peninsulares e crioulos inclinados ao comércio exterior e à colonização agrícola e pecuarista e, em especial, o dos grupos étnicos africanos, transplantados pela força, segregados ou integrados a esta particular “sociedade espanhola”. Esta é, curiosamente, a primeira que pode ser chamada corretamente dessa maneira, pois a dominação castelhana na própria península dificilmente implantará um sentimento “espanhol” sobre as outras regiões. Esses escravos e seus descendentes constituem a força de trabalho mais dominada e dinâmica, e, posteriormente,

costumam ser na maioria das vezes, sobretudo durante os séculos XVI e XVII, os mais eficientes depositários e portadores da cultura neo-espanhola no Novo Mundo. Porém, além da sociedade, a paisagem tropical do Caribe da mesma maneira sofreu uma implacável modificação, que arrasou com os ecossistemas originais de impenetráveis selvas perenifólias às quais só se podia ter acesso através dos rios, gerando desequilíbrios produtivos que estão também na origem do relativamente rápido desaparecimento da população nativa. As barreiras naturais originais foram em grande parte destruídas e modificadas a partir do século XVI, pois a economia indígena anterior à conquista tornava possível a reabilitação periódica do meio ambiente e interagiu com ele, permitindo taxas demográficas relativamente altas sem alterar durante séculos os ecossistemas originais, tanto que a economia implantada pelos europeus – baseada na plantação de cana de açúcar, mandioca e outros produtos semeados com fins comerciais ou na extração compulsória de ouro de aluvião e pérolas – destruiu rapidamente essa relação, principalmente nas Antilhas Maiores, que mais ou menos um século depois de sua ocupação haviam testemunhado o desaparecimento de seus ecossistemas primários junto com a sua população nativa. De maneira paralela, estas ilhas maiores saturaram-se de gado e porcos bravos, permitindo a sobrevivência não apenas da população fixa, mas também dos bucaneiros, piratas e outros inimigos do império espanhol.

Assim como alguns grupos humanos permaneceram mais ou menos isolados, a maior parte da população vai mestiçando-se rapidamente. Os contornos dessa nova conformação social e biológica serão vistos pela administração colonial espanhola como ressurgimento dos mundos mouriscos e judeus que a política unificadora da Coroa não havia conseguido sepultar totalmente na península. Esses grupos que eram parte da Espanha profunda seriam expulsos de seus imaginários e de sua própria realidade social, porém, tendiam a reaparecer sob outras formas, ao menos diante da ótica da cristandade hispânica baseada na “pureza de sangue”, mais difícil de sustentar nesse novo contexto do que na Espanha mestiça e magrebina que conquistou as Índias. Daí que muitas vezes o afro-mestiço americano, talvez o produto mais original da mestiçagem, seja chamado *crioulo*, *mourisco*, *marrano*, ou melhor, *ladino*⁹, usando os velhos termos da exclusão peninsular que dificilmente seria assumida pelos próprios colonos espanhóis, uma vez que eles também eram produtos de mestiçagens anteriores.

O mundo real caribenho se desenvolve em contraponto e harmonia com o âmbito europeu em expansão, através de uma polirritmia histórica e uma aceleração dos tempos que se

⁹O termo afro-mestiço é usado por Gonzalo Aguirre Beltrán a partir de seu clássico estudo sobre a população negra da Nueva Espanha (BELTRAN, 1946).

refletirá também em uma cultura multifacetada. A sua história, frequentemente violentada e nunca aceita como tal pelo mundo europeu, é, como diz Parry (PARRY, 1976), “uma história relatada a partir do ponto de vista de outros”. Povos vindos de fora, exprimidos em uma economia de enclave, criam mesmo assim por meio de seu amálgama uma alma própria, fortemente interiorizada neste arquipélago desconexo e ao mesmo tempo centrado sobre si mesmo. O mecanismo econômico dessa fusão transcende o Caribe e excede na medida em que o espaço se integra como o umbral natural do avanço hispânico sobre o continente.

Para o que nos interessa, o Caribe será a primeira sociedade neo-espanhola em um sentido amplo, cujo antecedente imediato serão as Ilhas Canárias e Atlânticas, onde a colonização iniciada meio século antes prefigura os modelos posteriores aplicados nas Antilhas e que se convertem em sua retaguarda. Porém, o Caribe espanhol, de maneira diferente dos densamente colonizados e povoados altiplanos da Nova Espanha e Peru, será ao mesmo tempo uma gigantesca constelação de mundos distantes, de planetas conectados de maneira intermitente pelo comércio marítimo e cujas ligas mostram-se tênues dentro da imensidão do mar que o circunda; dali talvez a insistência cultural em integrar-se a partir de redes de interação, com frequência compartilhadas, que acabam por ser poderosas e surpreendentes, servindo para enfrentar as ameaças constantes, as catástrofes naturais e as crises. Às vezes, os navios chegarão nos portos com meses ou anos de atraso e as águas marinhas serão ao mesmo tempo o insondável abismo marítimo, assim como a esperança e a ilusão de futuro e continuidade. Frequentemente, como se percebe na crônica do Padre Ávila sobre o ataque pirata a Vera Cruz em 1683 (ÁVILA, 1937), os colonos esperam com avidez o que quer que seja: preferem-se, inclusive, o inimigo e o combate que o isolamento prolongado. O Caribe insular e litorâneo será, assim, diferentemente da grande Terra Firme interior, uma constelação de portos, de armazéns e de muralhas orientadas “ao mar”, um mundo aberto às influências exteriores, uma página na qual se escreve e se corrige permanentemente, vindo daí seu caráter ao mesmo tempo barroco e moderno. A ondulação de suas populações sucessivas irá formando sedimentações e camadas de variada espessura, frequentemente invisíveis na maré alta, mas persistentes e notórias na acumulação dispersa que fica quando do recuo das águas.

A mestiçagem dos ventos e marés

A formação dos diferentes povos que habitam as ilhas antilhanas no momento do desembarque europeu resultava de migrações muito antigas que estiveram expandindo-se desde sempre no sentido sul norte, isto é, em sentido contrário ao da ocupação do continente, seguindo

o sentido das ilhas a partir do sul, provavelmente a partir de Trinidad e Tobago até as Bahamas, e aproveitando os ventos alísios e a pouca distância entre uma ilha e outra: em um oceano sobre o qual era possível construir uma via marinha na qual, com canoas e barcaças, avançavam-se até 30 quilômetros diários. Esse povoamento havia tido início possivelmente há uns 8 mil anos, realizando-se de maneira permanente através de ondas de ocupação. Devido à sua procedência de origem, as últimas línguas caribenhas agruparam-se dentro do tronco araucano ou tupi-guarani e compartilhavam muitas das características dessas línguas da América do Sul que ainda hoje se encontram na extensão entre o Paraguai e as Guianas¹⁰. Depois da conquista e já para meados do século XVI, a quase totalidade das línguas das Antilhas, em especial o taino e o caribe, também haviam se extinguido junto com os seus falantes, mesmo que algumas delas, como o taino das Antilhas Maiores, deixassem uma profunda marca no léxico espanhol¹¹ ou, como o aruaque *iñeri* da Jamaica e outras ilhas, se perpetuassem em outras variantes *pidgin* inglesas da costa atlântica de Honduras e Nicarágua¹². As línguas chibchas deste litoral (suma, rama, mosquito) também se tornariam línguas crioulas a partir de seu contato com o inglês e o banto, e estavam ali como prova de colonizações pré-hispânicas vindas da Colômbia...

Culturalmente, os índios das Antilhas eram povos agrícolas que haviam desenvolvido uma vida baseada em aldeias que obtinham produtos tropicais do cultivo de milho e tubérculos, assim como caça, pesca e coleta, o mínimo para uma subsistência. Esta, comparada com os sistemas mais desenvolvidos da Mesoamérica e Peru, resultava incipiente e prescindível para as instituições de um império que os esgotou como força de trabalho, e que terminaria por definhando nas imensas redes que havia construído, um império que terminou destruindo através de sua dinâmica de crescimento esses primeiros testemunhos de chegada europeia no continente. A sua diversa integração às paisagens das ilhas, seu transcorrer lento, de sociedade em equilíbrio com o seu meio ambiente, causou nos primeiros europeus a ilusão de terem topado ali com o Paraíso Terrestre, com uma Idade de Ouro atemporal cujas paisagens tropicais e originais – povoado de monstros e homens selvagens – habitavam como fantasmas os sonhos da Baixa Idade Média e do Renascimento europeu. Variados aspectos dos sistemas religiosos e

¹⁰De facto, essas línguas araucanas foram as últimas ondas de ocupação das Antilhas, que substituíram uma anterior, cujos vestígios ainda estavam encurralados no extremo oeste de Cuba, os guanahatabey, que não eram aruaque e de cuja língua não sobrou o menor traço.

¹¹Esta imensa marca do taino em Cuba, Santo Domingo e Porto Rico, bem como outras evidências, permitem até mesmo a reconstrução de suas características fonológicas e morfológicas. (NAZARIO, 1996).

¹²Essa modalidade do aruaque foi chamada *iúeri*. Ele passou das ilhas à costa Atlântica da América Central através dos ingleses (desde San Vicente e Roatán). Foi extinto nas ilhas, mas permaneceu vivo nas palavras dos "caribes negros" ou Garifunas, que se estendem ao longo da costa de Belize à Costa Rica.

da organização social desses primeiros “índios” foram tema de descrições e idealizações dos principais cronistas da conquista, como Las Casas, Pedro Mártir Anglería ou Frei Ramón Pané.

Esse foi o universo que os europeus encontraram nas ilhas das Antilhas, que não correspondia à ideia original de Colombo de que se tratava de regiões próximas à China, Índia ou Japão. Essa primeira ideia foi substituída pelas claras evidências de que estavam explorando uma nova realidade continental povoada por novas nações; o que, no entanto, não evitou que daquele momento em diante os nativos da América fossem chamados de “índios”. A necessidade de consolidar a conquista justificou a exploração intensa e a escravização desses agricultores de aldeia, como os *tainos*, ou o extermínio de guerreiros indomáveis submetidos aos direitos da guerra, como os caribes, pesando fortemente nas variantes colonizadoras desse primeiro encontro sobre o que era um novo continente, em especial nas décadas que seguiram ao “descobrimento” das Antilhas Maiores e Menores.

Forjado depois da colonização das grandes ilhas, o primeiro Caribe oferece inumeráveis mostras de um intenso sincretismo cultural e linguístico. Grande parte dessas interações implementa-se no nível da expansão da variante andaluza da língua castelhana, “castelhano atlântico” (LAPESA, 1988), que é o que predominará na América, possuindo sua matriz e aclimação primeiramente nas Ilhas Canárias e depois nas Antilhas. A mestiçagem linguística produzirá os primeiros resultados desde o início do século XVI e novas misturas no século XVII. A primeira fase dependerá da abertura da língua dos colonos para as coisas do Novo Mundo; sua adaptação, primeiro, ao meio insular e, depois, à conquista do continente. A marca dessa integração semântica aparecerá de imediato nos primeiros textos dos cronistas das Índias, refletida nos empréstimos, na adoção dos termos *taino* e de outras línguas caribe-aruagues das ilhas – todas desaparecidas e nunca descritas – e posteriormente das línguas da Mesoamérica e do Peru. Nesse sentido, o espanhol americano é o receptáculo dessa grande fusão cultural e até hoje reflete muito desses contornos nas suas variantes linguísticas. À medida que a conquista avança, a partir do Caribe insular no sentido da Terra Firme, o espanhol falado e escrito será fortemente matizado por essa terminologia *taina*, que os cronistas usarão para nomear as novas plantas, animais, objetos e os costumes desconhecidos na Europa. Muitas palavras *tainas*, quando chegam ao continente, já formam parte do repertório do espanhol, como se houvessem estado ali por séculos¹³. Os primeiros conquistadores haviam penetrado em um mundo totalmente novo e desconhecido, cheio de animais, plantas, objetos, ritos e costumes para os

¹³ Palavras como cacique, “maíz”, “anona”, “guanábana”, “sabana”, “canao”, “hamaca”, “batey”, “bohio”, “conuco”, “bejuco”, “papaya”, “jaguar”, “caimán”, “tiburón”, “guabina”, “colibri” etc.

quais não havia palavras em sua língua e que era preciso nomear pela primeira vez. A única maneira de referir-se às novas coisas era através da língua *taina*, a qual por isso mesmo fará um grande aporte ao enriquecimento lexical do espanhol, como antes tinha feito o árabe. Uma linguagem misturada, a dos cavalheiros da conquista, matizado com rumores e novas ornamentações, irá temperando e abrindo o espanhol peninsular, naquele momento ainda marcado por reminiscências interioranas e provincianas. Nascerá, então, uma linguagem cheia de referências metafóricas, na qual se plasman as novas vertentes de cortesia, o trato direto, o requebre amoroso, assim com as novas formas do protocolo e das maneiras à mesa.

O segundo momento do sincretismo linguístico do espanhol atlântico vai muito além dos empréstimos necessários para a descrição de um mundo novo e tem a ver com a criação de várias línguas crioulas ou *pidgin*, a maioria delas surgidas no subido caldeirão do grande arco do Caribe, as quais se formariam não apenas a partir do espanhol, mas também do português, inglês, holandês e francês, línguas europeias que se integrarão à prosódia e fonética das línguas africanas, de maneira especial as do grupo banto. Em situações de multilinguismo, de urgência marcada pela necessidade do trato comercial e humano, e quando as línguas em contato são mutuamente inteligíveis, costuma-se criar soluções de compromisso, variedades simplificadas por causa de situações de emergência, que se convertem rapidamente em línguas naturais complexas. Os antecedentes imediatos das falas crioulas caribenhas de base hispânica são a *habla bozal* ou “castelhano negro” da Andaluzia, cujas evidências aparecem a partir de finais do século XV, e os vários “falares” afroportugueses da costa africana, originados a partir do tráfico e da mestiçagem, principalmente ao redor das feitorias de São Tomé e Cabo Verde. A maior parte dessas “falas”, criadas no contato interétnico na “zona de fricção” entre o comércio em larga escala, efeitos do tráfico de escravos e da diversidade linguística, reaparece nas ilhas e no Atlântico de Centro-América (*creolé, patois, garífuna etc.*), porém, as variantes mais significativas, sobretudo as derivadas do espanhol dos primeiros séculos coloniais – como a “fala banto” –, desapareceram, hoje notando-se, como afirma Lipski, uma escassez de pidgins de base espanhola, dos quais somente sobrevivem o papiamento de Bonaire e Aruba e o crioulo de San Sebastián na Colômbia. A “fala banto”, o *jerga bozal* de Cuba, o *suineo* de Porto Rico ou o “congo” do Panamá – que atualmente subsistem apenas como restos fossilizados no cancionero dessas ilhas e litorais – aparecerão quase sempre na literatura e no teatro do Século de Ouro, como nas negrilhas, nos guinéus zarambeques, caretas, *cumbés*, e portorricos de Soror Juana Inês de la Cruz e outros autores, enquanto no século XVII haviam se estendido inclusive pela Nova Espanha e Peru, associados sobretudo à população africana originária de Angola e

do Congo (falantes sobretudo de quimbundo e quicongo) que haviam chegado com os sotaques portugueses¹⁴. Conservados depois como linguagens arquetípicas atribuídas ao “negro”, sobretudo no cancionero, no teatro e na literatura do Século de Ouro, as variantes crioulas afro-espanholas foram se diluindo e integrando muitas vezes às áreas fossilizadas da vida cotidiana e do cancioneros popular¹⁵.

Como arquétipo da condição colonial, como representantes do mundo no qual surgiram, essas novas línguas são objeto de uma profunda discriminação e são consideradas inferiores ou “corruptelas”, sendo que a elas não se atribuem nenhum valor. São línguas de mistura, tão desprezíveis como os homens mestiços que as falam. Porém, em realidade, apesar de serem confinadas à transmissão puramente oral, trata-se de “falas” inovadoras e encrespadas com o mesmo grau de complexidade que as outras, as quais mostram em sua estrutura a capacidade sintética e episódica das novas sociedades que as usam como veículo de comunicação. A estrutura particular dessas línguas mostra, em todos os casos, os contornos da colonização, a mestiçagem, a criouliização e a história desses encontros desiguais.

O tecido do comércio caribenho colonial

A estrutura básica sobre a qual se formou o Caribe histórico e geopolítico posterior à conquista é o comércio de curta e longa distância. Desses circuitos comerciais derivam muitas de suas diferenças e semelhanças, e, da intensidade das transações comerciais, os contornos de sua vida cotidiana e a reprodução de suas características. Seu principal motor, baseado na noção exclusivista de império, foi o sistema de frotas que conectava Vera Cruz e Cartagena com Sevilha e Cádiz. Esse sistema de monopólio que amparava uma ampla rede de empreendimentos particulares, crescentemente penetrado e transposto pelo contrabando e pelas

¹⁴Veja-se o ensaio de NAZÁRIO (1974). Ali está analisada a ascensão do afro-crioulo português, o “espanhol dos negros” escravos da Andaluzia, a fala dos negros ladinos peninsulares, o afro-espanhol crioulo das Antilhas, o papiamento e afro-espanhol de Porto Rico. Neste últimos, estão escritas as letras de uma dança chamada em *portorrico* ou *puerto-rico* no México, bem como várias negrilhas de Soror Juana Inés de la Cruz e outros autores famosos e que Álvares traduz ao espanhol moderno, demonstrando de passagem que não se trata de um simples jargão inventado – neste caso pela Soror Juana – como muitos acreditam, mas sim de uma linguagem mestiça que teve falantes na Nova Espanha do século XVII, quando abundavam escravos “crioulo” ou “ladinos” de Porto Rico. Ver também a conferência de John M. Lipski intitulada “Os crioulos afro-ibéricas: estado da arte” proferida na Universidade Católica Andres Bello, em Caracas, em maio de 1997, na qual se oferece uma descrição detalhada desses falares, suas propriedades morfológicas e um repertório de todos desde o século XV até o presente.

¹⁵Outros reflexos do afro-espanhol das Antilhas do século XVIII aparecerão “folclorizadas” no século XX, na chamada “poesia negra” – Nicolás Guillén, Luís Palés Matos, Emilio Ballagas etc. – poesia que explorará principalmente seu caráter nacional, sua cor local e seu sentido rítmico e musical baseado em recursos aliterativos, mas cujas fórmulas “negróides” perderam o sentido e, quase sempre, derivam dessas linguagens padrão - ou de seus reflexos –, desaparecidas com o mundo no qual elas se amparavam e justificavam.

chegadas maliciosas de comerciantes a portos bloqueados pelo monopólio, deu a este mar uma respiração própria, sobre o qual se estabeleceram outros metabolismos e novas rotinas. A combinação dos circuitos produziu uma interação muito particular dos tempos históricos, que se assemelha à regularidade das marés, à incerteza das mudanças repentinas, à ameaça constante dos ventos. Contudo, o Caribe espanhol “fechado” e centrado exclusivamente no monopólio de Sevilha apenas foi possível durante o século posterior aos primeiros assentamentos europeus, pois nos dois séculos seguintes o mar interior se abriu à presença e competição agressiva com outras potências emergentes - Holanda, França e, principalmente, Inglaterra -, permitindo uma já visível fragmentação a partir de meados do século XVII. Essa abertura forçada, que compreende, do mesmo modo, a independência de Portugal em 1640 e sua subsequente beligerância, aparecerá refletida em expressões culturais de todo tipo e na diversificação do intercâmbio legal e ilegal.

As correntes superficiais e profundas do monopólio espanhol organizavam-se em dois circuitos previsíveis de transferência de riqueza e, por isso, altamente vulneráveis. Primeiramente, verifica-se o da Nova Espanha, cuja frota saía da península “fazendo a aguada” nas ilhas Canárias e penetrando no Caribe pelas Antilhas Menores até contornar a península de Iucatã e chegar a Vera Cruz, seguindo no retorno o itinerário norte: Havana, o canal da Flórida e depois Açores para descer rumo à Espanha. Era uma viagem de ida e volta com rotas e prazos marcados pelas correntes, os espaços dos ventos e os ciclos dos furacões, rotas em que a ida podia durar três meses ou mais e até um ano o tempo da volta. A outra rota de navegação, a que transportou os tesouros de Potosí até finais do século XVII, chegava às Antilhas Menores e descia até Cartagena de Índias e Porto Belo, local em que se abasteciam os navios com o tesouro, se centrando no entorno dessa Carreira a vida caribenha. O seu retorno passava, às vezes, por Santo Domingo, e a partir de Havana, onde algumas vezes encontrava-se com a outra frota, seguindo no rumo do Atlântico Norte e os Açores. O principal motivo desse sistema cada vez mais complexo e ineficiente, que protegia o caráter monopolista do comércio espanhol de longa distância, era o envio de ouro e prata das minas mexicanas e peruanas para a metrópole. Por isso, esse precioso carregamento tinha que ser transportado em frotas numerosas e guardadas, o que não evitou a ação da pirataria sobre elas (RODRÍGUEZ LORENZO, 2012).

As redes financeiras do grande comércio, associadas às feiras, ao tráfico de escravos, ao contrabando e ao sistema de frotas, desempenham um papel de persistência das tramas e dos vínculos de longa distância. Fundamentalmente, isso se dá porque os comerciantes e os usureiros, em geral associados a grupos de interesses, redes financeiras e mercantis, armazéns

e consulados, estabelecem vínculos que se baseiam muitas vezes em suas origens étnicas e religiosas, conformando comunidades de reciprocidade e confiança que permitem a reprodução de suas características: como fizeram os canários no século XVI, os judeus portugueses durante a época dos assentos escravistas concedidos a Portugal (1580-1640), os bascos, bascos montanheseiros ou os catalães e genoveses nos anos seguintes. Em todas essas redes que formam “espaços de intercâmbio” circulam, além disso, fragmentos da lírica e da música culta e popular, que vão sofrendo uma série de mudanças importantes, adaptando-se às realidades urbanas e rurais ou seguindo os rumos impostos pelas modas de cada momento.

O comércio, grande e pequeno, que ocorria ao redor dessas transferências de riqueza era significativo e se concretizava especialmente no âmbito das feiras de tipo medieval que os espanhóis implantaram na América. Ao redor do ouro e da prata, de seu encorajamento nada desprezível, realizava-se todo tipo de tratos e contratos. As feiras das Índias mais famosas pertenciam, assim, a esse espaço de intercâmbio do norte do império colonial espanhol na América e se desenvolveram sobretudo depois da segunda metade do século XVII. As de Porto Belo no Panamá e as de Jalapa e Acapulco na Nova Espanha eram as que reviviam uma noção medieval de feira comercial intermitente, convertendo-se no eixo de articulação de todo tipo de intercâmbio e serviços. Essas feiras eram frequentadas por comerciantes, donos de moeda metálica, para adquirir produtos recém-chegados do ultramar, dinamizando uma poderosa corrente de trocas menores, materiais e imateriais, que dava-lhes razão de ser. Os espaços que abrigavam as feiras modificavam-se profundamente impulsionados por seu enorme mecanismo. Vilas simples convertiam-se em cidades periódicas, fazendo surgir nessa conjuntura ambientes propícios à recreação e à transgressão, ou seja, criando o terreno fértil necessário para a transmissão e fixação das múltiplas características que definiam os vínculos culturais intercoloniais. As feiras são fundamentais porque, além dos produtos mais comercializados em cada momento, também recebem influências que vão e vêm entre as regiões de fornecimento de certas matérias primas e produtos e os locais onde ocorrem esses encontros de intercâmbio. Outras feiras menores, como a “feira do cacau” no porto de Vera Cruz, também tiveram o papel de manutenção dos contatos entre portos distantes e regiões remotas. Isso tem particular relevância para o uso do tempo livre, a gastronomia e outros aspectos da cultura material e imaterial, como se a quantidade dos intercâmbios determinasse a proporção desses produtos – açúcar, cacau, carne de porco, urucum, banana, especiarias... – na configuração das receitas e

nas misturas entre tipos de comidas e de bebida que acompanham os gestos e uma cultura de excessos corporais¹⁶.

Outros canais de intercomunicação, alguns convertidos em instituições de longa duração, facilitaram as reciprocidades, e seus traços ainda permanecem como temáticas líricas ou nos fragmentos e “pedacería” de novelas, tonadilha cênica, entremeses, poesias e coplas que serão articulados de novo pelos gêneros e as espécies vivas¹⁷ de cada lugar. Nessa recomposição, terão relevância outras instituições e outros usos do intercâmbio colonial. Em todo caso, é o campesinato do interior de cada entorno dos lugares das feiras, em virtude de seu isolamento, que seleciona e conserva com maior fidelidade as formas gerais que, à medida que as adota, as reconstrói e recria. Nesses ambientes, nada permanece fixo e, como veremos, as *sobrevivências* continuarão durante gerações, reproduzindo-se até os dias de hoje como *vivências híbridas*.

A Armada de Barlavento, criada no século XVII, é um bom exemplo dessa malha que permite a reprodução cultural. Sustentada pelo comércio da cidade do México e destinada à defesa e ao patrulhamento das ilhas de Barlavento e, em virtude dessa nova fase de competição com outras potências europeias pelo espaço caribenho (que se intensifica com particular força a partir de meados do século XVII), do resto do Caribe insular, serviu menos para o propósito militar do que para o desenvolvimento do contrabando e a difusão muito bem documentada de tradições de uma parte a outra do seu percurso. Desse modo, já em finais do século estavam consolidadas e mostravam particularidades regionais e todo tipo de expressão cultural de uma “subcultura ocupacional” associada à marujada, à milícia importada da península e Terra Firme¹⁸, ou aos ciclos dos carnavais que se incrementam desde então, baseados em uma popularização e secularização crescente dos autos-sacramentais e das procissões, também

¹⁶Como afirma David Le Breton (2007): “Para definir uma cultura, geralmente se fala da visão de mundo, dando assim à visão uma primazia sensorial; poder-se-ia também evocar a degustação do mundo, dado que as categorias de alimentos ordenam o mundo à sua maneira, comandam de modo efetiva o prazer de viver. O homem não se alimenta de alimentos indiferenciados: alimenta-se antes de mais nada com os significados. Comer significa participar de uma cultura, compartilhar gostos e rejeições aos outros gostos, preferências e indiferenças, molhos, modos de cozinhar, etc.”.

¹⁷Neste ensaio, utilizamos os termos *cancioneiro*, *espécie* e *gênero* em um sentido muito semelhante ao que lhes dá Carlos Veja (1944). Um *cancioneiro* seria um conjunto de gêneros que têm uma coerência marcada por processos históricos e que existem em regiões determinadas, formando “unidades superiores de caráter”. Esses *cancioneiros* estão muito determinados por um sistema rítmico. Dentro de cada um deles, aparecem grupos de composições que denotam certas constelações dentro de um sistema tonal; esses seriam as espécies. Finalmente, os gêneros seriam grupos dentro dos *cancioneiros* que possuem uma coerência rítmica, instrumental, tonal, lírica, dança etc., ainda mais regionalmente definida.

¹⁸O termo “subcultura ocupacional” é amplamente definido por Burke (1997).

transmitidas pelo movimento de ida e vinda da armada¹⁹, porém, de maneira definitiva, potencializadas pelo papel preponderante da Igreja da Contrarreforma que regulava as celebrações, dinamizando ao redor delas, no seu conjunto, as manifestações artísticas.

Outras redes de intercâmbio têm a ver com a arquitetura defensiva e com o tráfico “forçado” de trabalhadores indígenas e de “castas” da Nova Espanha, conduzidos à força para os fortes e presídios do Caribe (Panzacola, San Agustín de la Florida, Habana, Santo Domingo e San Juan de Puerto Rico)²⁰, processo que se incrementa no século XVIII com o auge da prata e a aplicação das reformas borbônicas, também repercutindo, em sentido oposto, na cultura popular da Nova Espanha. Nesse aspecto da defesa militar, são as populações mestiças africanas que se manterão a serviço do poder militar, como milícias fixas e ocasionais, o que explica em parte o fato de que esses grupos de negros e mulatos tenham sido, depois dos espanhóis ou na ausência deles, os portadores efetivos da cultura peninsular.

Da mesma forma, o papel dos metais preciosos nesses intercâmbios não se limita a sistema de frotas e transporte do “tesouro americano” para a Espanha, mas sobretudo a estruturas permanentes que articulam as partes desta grande região. Tal é a situação da prata, e com ela a das farinhas, ou seja, o sistema de abastecimento com o qual a economia mais forte e diversificada de Nova Espanha subsidia a administração pública, a defesa miliar e o fornecimento de biscoitos e farinha de trigo para a fabricação de pão em todo o Caribe, cujo clima não era adequado para o cultivo desse cereal. De fato, esse sistema se justifica porque é a oferta por conta da Coroa que facilita a operação da enorme fábrica de açúcar em que esta parte do Caribe espanhol se transformou, permitindo sua especialização. A prata mexicana flui para a metrópole, mas também para a Flórida, Cuba, Porto Rico, Santo Domingo e, eventualmente, para Cumaná, em envios anuais de montante de diferentes tamanhos a serem usados para a manutenção da defesa e o pagamento dos funcionários reais (VON GRAFFENSTEIN, 1997). Outro circuito da prata, o mais reduzido depois de 1660, vem do Peru e se situa em Porto Belo e Cartagena de Índias. Em todo caso, esse duplo sistema de fornecimento de prata mantém vivo os vínculos que tornam possível o fluxo cultural e se encontram na origem de tradições comuns que, como veremos, estão associadas ao protocolo das festas, chegando em alguns casos até a costa do Peru. O Século de Ouro será, dessa forma, o Século da Prata, e se perpetuará a partir dessa expressiva tendência de pôr as coisas em

¹⁹A armada de Barlavento é descrita de maneira panorâmica por Bibiano Torres Ramírez (1981).

²⁰Contingentes de índios bravos do Norte Grande da Flórida (Meco) à Califórnia (apache, seminola, aracate e outros) levados como escravos a Vera Cruz e ao Caribe na segunda metade do século XVIII.

movimento, que terá o metal branco, fazendo dele o sangue e o sustento do sistema em todo o seu conjunto.

A mentalidade barroca americana será, então, expressa na arquitetura material e imaterial, animada pelo excesso de prata em circulação e pela ostentação, já que parte desse dinheiro era gasto em todos os tipos de celebrações que giravam em torno da referência universal que era a Igreja. Materializar-se-á sobretudo em uma natureza festiva permanente, uma estetização exagerada da vida, na qual se reproduzirão todos os seus elementos, alcançando uma circularidade, um maior contato das elites com as pessoas simples, entre o “culto” e o “popular”, que naquele momento já estava debilitando-se na Espanha. Na América, o espaço festivo será, então, compartilhado e interpenetrado, pois “a alegria natural e o gosto pela ostentação foram características comuns, tanto dos conquistadores como dos conquistados” (LEONARD, 1976). Dessa forma, muitas das tensões diluíram-se na paixão pelo faustoso e na celebração festiva que adquiriam inclusive as ocasiões solenes como a remota morte dos reis, os velórios de defuntos ou a celebração pública dos autos-de-fé. As procissões e as mascaradas, os bailes, os saraus e as danças mais diversas, bem como as touradas e os rodeios, aproximavam o povo e a nobreza local e criavam um efeito de generalização cultural que explica a sobrevivência de tantos elementos “cultos” nas representações populares atuais. Ao referir-se à Nova Espanha e inclusive insistir na repetição dos temas solenes do barroco espanhol, Buxó não deixa de se surpreender, por exemplo, por essa preferência generalizada pelos espaços lúdicos, pois – anota ao relatar os encontros dos poetas – “ao contrário daqueles que supunham uma sociedade novo-hispânica aborrecida e silenciosa, presa de constantes temores religiosos, nós encontramos um povo em turbulenta juventude, escassamente contido por prescrições e normas que regem sua entrega ao gozo do mundo” (BUXÓ, 1959). No Caribe insular, as danças e festas implementadas entre os escravos com o intuito de eliminar a “lascívia e desordem” converter-se-ão em mascaradas carnavalescas nas quais confrarias, cabildos e “sociedades” acabam por recuperar a pompa e as luxuosas vestimentas dos senhores escravistas, ridicularizando de maneira extremada as virtudes e os defeitos da condição colonial. Possivelmente, nada disso teria sido possível sem o incentivo do “tesouro americano” que, antes de ir à Europa pelas mãos de administradores ou piratas, tinha deixado por onde passava uma série de pretensões que contribuía fortemente para aligeirar as tensões que o próprio sistema gerava.

Outros fatores paralelos, como comércio de mercadoria humana, dos escravos africanos a partir das feitorias localizadas no continente negro ou a partir dos “criadores” do Caribe

inglês²¹, bem como as interferências sobre a rigidez do comércio institucional e exclusivista da Coroa espanhola da pirataria e do contrabando, facilitaram os intercâmbios e as transações materiais e os produtos a elas vinculados, favorecendo as trocas imateriais da música, do teatro, dos fandangos, dos jogos, da literatura de cordel (tão em voga na Europa seiscentista), os usos e costumes marinheiros, os contos e as narrativas e todas as formas de influências de ida e vinda entre América, Europa e África. Mas não será senão no século XVIII, no momento em que se alcançou uma maior decantação coletiva, que o Caribe constituirá uma área de maior coerência do ponto de vista cultural. Antes desse momento, dá a impressão de que está tentando ser, de que não terminou de incorporar dentro de sua natureza esponjosa todos os materiais que transitam ou naufragam em seus arrecifes. A acústica da paisagem, a ressonância do Caribe, vai colorindo-se, então, de sons característicos em que ventos, marés e redes de ida e volta vão influenciando sobre as próprias estruturas culturais, dando-lhes um matiz particular e um sabor próprio. Pelo século XVII, voltou a ocorrer aqui uma dinâmica cultural circular, múltipla e transbordante, compartilhada pelos colonos crioulistas e grupos oprimidos de personalidade forte. Nessa dinâmica, uniram-se negros crioulistas e “boçais”, além do fato de que o ressurgimento de um barroco nativo acabou por proporcionar-lhe múltiplos elementos e novas florações.

O papel dos portos

A amarração de todo esse andaime, contudo, dependia de fatores bastante precários, pois a importância do Caribe residia em sua fragilidade, como se na característica etérea de sua composição se fixassem das mais diversas maneiras os elementos de sua preservação e força. Os portos eram o ponto nodal dessa configuração, o que não é passível de explicação senão por sua organização e sua orientação produtiva e comercial, assim como pela divisão do trabalho formada em sua retaguarda regional, inscrevendo-os, assim, dentro de um modelo próprio de crescimento urbano muito relativo e tardio, geralmente resguardado por muralhas, diferente das cidades do interior pela sua precariedade. Com uma respiração flutuante e cíclica por causa do ritmo marcado pelo fole do comércio, a vida portuária possuía o papel de “esponja” em cujos

²¹Já para finais do século XVII, porém sobretudo a partir de 1713, quando a Inglaterra obteve a exclusividade da introdução de escravos na América espanhola, as ilhas de Jamaica, Trinidad e Barbados etc. foram usadas como estações de passagem de escravos aos quais procuravam evangelizar, castelhanizar e introduzi-los nos portos autorizados pela Coroa Espanhola.

ciclos anuais de expansão e retração fixavam-se várias das influências exteriores. Mercados movimentados, cosmopolitas e dinâmicos contribuem à marcha da história, rompendo as rotinas repetitivas. Seu tempo descontínuo, de atividades intensas e longos períodos de “tempo morto” improdutivo, favorecia a maturação de diversas tradições chegada do “mar afora”.

Não deve surpreender que o esquema teórico de Von Thunen (um economista alemão contemporâneo a Humboldt) sobre a organização das zonas ou “anéis concêntricos” do espaço interior dos portos europeus seja aplicável aos principais enclaves portuários do Caribe, mesmo que esses nunca cheguem a constituir “estados ilhados”, como idealmente imaginou-os o autor em 1826²², mas sim concentrações abertas ao mundo exterior, expostas às epidemias, à decadência, à corrosão e ao salitre. Segundo essa noção, a cidade portuária é um centro de comércio, em que primeiro se fixa ao redor dela um cinturão de agricultura intensiva, em seguida um círculo de fazendas leiteiras, depois uma área de agricultura extensiva de cereais e açúcar e, por fim, um extenso *hinterland* pecuarista, como ocorria em Vera Cruz em finais do século XVIII²³. A cidade deve se inserir aqui em um duplo jogo de espaço regional e alcance internacional. Deve atender a duas circulações diferentes: a primeira, capilar e a curta distância, contínua; a segunda, intermitente no sentido do interior da Terra Firme (o Altiplano mexicano no caso de Vera Cruz ou o Alto Peru no caso de Porto Belo e Cartagena de Índias) e também para o resto do mundo. Esses dois sistemas ajustam-se, opõem-se, somam-se e sucedem-se. A maneira pela qual a vida internacional atingiu Cartagena de Índias, Porto Belo, Maracaíbo, La Guaira, Santo Domingo, San Juan e Havana definiu-as tanto – e às vezes mais – quanto o contato perene com seus vizinhos: no comércio que estava fortemente centrado nos espaços definidos das docas e das zonas portuárias. São essas influências exteriores que também contribuem para a criação de uma cultura comum.

Em todos esses, portos a densidade do mundo urbano e dos embarcadouros combina-se com a existência de um “país interior”, um território rural interno e próximo que acumulava e conservava, conforme iam chegando as influências exteriores, sem, no entanto, deixar de modificá-las e recriá-las. Assim, no Caribe, a história geral invadiu a história local, e esta é inseparável dos espaços geoeconômicos de larga escala, estabelecendo uma relação particular entre região e espaço maior, o que também permitirá a formação de diferenças regionais. Nesse sentido, como veremos à frente, a *hinterland* pecuarista e agrícola, o mundo camponês e a economia de plantação, que em geral rodeiam o umbral episódico da vida portuária, acabam

²²Citado por Alexandre von Humboldt (1984).

²³Veja-se GARCIA LÉON, A (2011).

por ser importantíssimos pelo papel que desempenharam na reprodução e na manutenção, até nossos dias, da vida cultural e das modalidades regionais.

Os portos dependem das rotas e da forma como os vaivéns do tráfico mercantil foram criados e expandiram-se. Os portos também estabeleceram circuitos diversos, dependendo de sua maior ou menor influência e do tamanho de seu tráfico mercantil. Assim, podemos dizer que se ordenam por níveis hierárquicos relacionados à importância e por áreas de influência, enquanto que na série de recintos murallados constituem uma imensa rede de cidades aleatórias ao redor de todo o Caribe, sendo que um círculo defensivo lhe confere uma “mediterraneidade” muito particular. Depois de Sevilha e Cádiz, e do que significou o porto de Vera Cruz como lugar de passagem para a cidade do México e outras cidades do interior da Nova Espanha, destacam-se com clareza outros dois portos: Porto Belo e Cartagena de Índias nos Caribes panamenho e colombiano. Os dois conectam a metrópole, a Nova Espanha e o Caribe insular com o Vice-reinado do Peru. Os metais preciosos de Potosí dirigem-se à Espanha a partir de Lima e Paita e chegam ao Panamá pelo Pacífico, cruzam o estreito pescoço do continente na direção de Porto Belo e, via Cartagena, dirigem-se à Espanha. Aqui, Havana é a primeira estação da viagem, que, partindo de Vera Cruz e Cartagena, retorna à metrópole, sendo um porto estratégico e de influência crescente, como pode-se constatar em todos os arquivos coloniais.

Um terceiro nível do tráfico mercantil está constituído pelos demais portos: Panamá, Tampico, Campeche, San Juan de Puerto Rico, Santo Domingo, Nombre de Dios – a leste de Porto Belo –, Rio de la Hacha, La Guaira-Caracas, Maracaibo, Puerto Cabello e Cumaná. Por último, outra série de portos amuralhados estende-se como uma cadeia de simples fortalezas nas Antilhas Menores ou no litoral da Flórida – San Agustín no Atlântico, Panzacola no Golfo do México, ficando, ainda, algumas áreas desprotegidas. Chamam a atenção, por exemplo, os territórios da faixa atlântica da América Central, pois, a partir de Porto Belo e seguindo na direção da costa noroeste, praticamente não há grandes instalações portuárias maiores até a península de Iucatã. Essas bordas desprotegidas serão, então, e a partir do século XVII, precisamente ocupadas pelos adversários do império espanhol, em particular pela Inglaterra, impedindo, como veremos, a integração da América Central colonial (fundamentalmente estendida pela costa do Pacífico de Chiapas até a Costa Rica, o que era conhecida naquele momento como Capitania da Guatemala) às províncias culturais do Caribe²⁴. É desse modo que

²⁴Essas descontinuidades têm a ver também com o que nos interessa, já que são territórios onde o cancionero colonial não conseguiu implantar-se, pelo menos sob as formas típicas do Caribe espanhol, permitindo, já para o século XVIII, e em virtude dessa barreira do seu próprio Atlântico, uma maior relação com o Pacífico da América do Sul: daí a sua integração no complexo de cuecas, zamacuecas e marinheiras que, como chilenos, chegarão à

a costa atlântica da América Central, graças a essa incapacidade de controle por parte do império espanhol, se entregará desde o século XVII ao Caribe anglo-saxônico e, especial, à influência da Jamaica.

Os portos, do mesmo modo, estabeleceram posições centrais que foram mudando de lugar ao longo dos séculos coloniais: Santo Domingo no primeiro momento, Cartagena e Porto Belo até meados do século XVII, Vera Cruz e Havana posteriormente. Nesse caso, centralidade depende da dimensão do tráfico mercantil, e de maneira especial da quantidade do tesouro, mercadorias e escravos que passava por sua alfândega e controle, da quantidade de impostos, *las averías, los almojarifazgos y las alcabalas*²⁵. Os portos também localizam-se no mar das tormentas e veem-se afetados por um entorno insalubre que frequentemente dificulta seu crescimento e desenvolvimento, ou pela presença cíclica dos furacões ou o inconveniente dos recifes. O comércio marítimo à longa distância aprendeu ao longo dos séculos a evadir esses obstáculos, ou a conviver com eles, porém, a presença dos ventos furacoados das Antilhas e as tempestades do Golfo do México acabaram decisivas não apenas para aqueles que transitavam por suas águas perigosas, mas também para a formação de metabolismos sociais e mentais daqueles que residiam de maneira permanente em uma região rodeada desses desafios abismais.

Contudo, os portos também desenvolveram o estabelecimento de vínculos mais sutis, relacionados com os “tempos da frota” e os “tempos mortos” da sua respiração comercial, vínculos que propiciaram o desenvolvimento de uma vida cotidiana inter-relacionada aos principais recintos portuários: a das redes de socialização e prazer guarnecidas pelo tráfico permanente de uma população feminina que viajava às Índias, muitas vezes fora do controle da Coroa e da Igreja. De entrada, veremos essa faceta do tráfico comercial escondida por debaixo de muitas camadas de interpretação e protegida pelas instituições – como a escravidão ou a dominação masculina – e as normas da dupla moral já estabelecidas, e que parece centrar-se no Atlântico e ser operada a partir de Sevilha e das Ilha Canárias; possivelmente, por serem as primeiras estações de passagem da Carreiras das Índias em circuitos que interatuam a partir das pousadas, prostíbulos e as tavernas portuárias, e cuja música de fundo tem a ver com a popularização das sonoridades e da danças, refletindo-se depois na literatura e no teatro do Século de Ouro Iberoamericano.

costa pacífica de Nueva Espanha (Oaxaca, Guerrero e Michoacán): parte do que Carlos Vega chamou de "cancioneiro ternário sul-americano".

²⁵Tributos cobrados nos portos pelo Império Espanhol.

Um código comum

Essas sintonias à grande distância refletem os limites do espaço caribenho e a velocidade com que em seu interior se movem as inovações e as permanências: a formação de uma série de normas gerais similares, atitudes que se refletem nos processos culturais e no seu rápido aumento em volume em uma única matriz dentro da qual existem esferas interiores de navegação que mantêm integradas ao conjunto. Assim, a concordância que fez possível essa simultaneidade tem a ver com o grau de estabilização da sociedade colonial, algo que realmente começa a ser alcançado no final do século XVI, época que coincide, além disso, com as primeiras evidências da formação de um código comum que alcançava um certo grau de originalidade, como pode-se ver refletido nas fontes e em grande parte na precisão sociológica da literatura do momento²⁶. Essa homogeneidade é também produto da repetição²⁷ de expressões depuradas, associadas a certos contextos, que ao reproduzir-se vão fixando-se em uma memória popular seletiva e dinâmica, que nesta parte da América adotou elementos diversos e moldou-os conforme as novas circunstâncias. Existe aqui uma condensação que, entre outras coisas, permite a nova arquitetura de um processo civilizatório cujas partes mais chamativas é a teatralidade, a música e a literatura de tradição oral cantada, as quais como parte dos tempos mortos da produção e do comércio desencadeiam uma originalidade construída a partir da intenção de se distinguir cada vez mais: uma busca do particular. Sua interação com a literatura “erudita” e com a música “de partitura” forma um tipo de “maneirismo popular tropical” que vai construindo suas próprias particularidades. Do mesmo modo, é notável a forma em que essa dimensão cultural conserva até os dias de hoje as reminiscências da transição do Renascimento ao Barroco.

Em todas as celebrações festivas, a música teve um papel preponderante desde o início e marcou para sempre a singularidade da grande região Caribe, tendo desde sua origem formas próprias que depois influenciaram no desenvolvimento das expressões musicais de todos gêneros. Era uma nova expressão – uma fusão não isenta de contradições – com as ressonâncias, a rítmica e o timbre africano, com a riqueza da musicalidade e da literatura cantada em “castelhano atlântico”, recuperando permanentemente os elementos indígenas de cada região. Gravidades e dogmas se rendiam diante dela, inclusive sucumbiam aqueles que vinham

²⁶Como em grande parte da obra de Lope de Vega e outros autores peninsulares do Século de Ouro (*El caballero de Panamá* etc.).

²⁷“Das ilhas que se repetem”, para usar a metáfora do autor cubano Antonio Benítez Rojo (1989).

decididos a temperá-la ou modificá-la conforme os desígnios do império ou aqueles que lhe negavam o caráter “puro” e “nobre” do elitismo peninsular, confinando-a a um horizonte de “vileza”. A música e a dimensão festiva terminaram envolvendo todos e criando um fenômeno de “world music de la primera globalización”, como afirmam muitos testemunhos americanos e europeus dos séculos coloniais, que impactaram fortemente nas modas das danças e das sonoridades da Espanha e do resto da Europa.

Existe um mar de argumentos e razões que conduzem a uma identidade e a uma mentalidade da grande região do Caribe, fazendo dele um oceano de incrustações permanentes. Porém, neste ensaio, tomaremos simplesmente a tessitura da música e da literatura cantada – e dos elementos a elas associados – para tentar reconstruir partes de uma mentalidade e uma identidade particular que, como ocorria nas misturas da linguagem falada, de maneira quase instantânea, lançaram as bases das novas fusões e mesclas.

Aqui convém recordar as hipóteses de Foster no sentido de que na América construiu-se desde o princípio um poderoso filtro cultural dos elementos hispânicos, além de serem criados novos arquétipos a partir de formas simplificadas, que deram lugar a novas complexidades, a “processos seletivos e simplificadores” (FOSTER, 1960): A “cultura de conquista”, ou de contato, representa uma nova construção na qual se usa uma seleção de elementos já presentes, uma reorganização criativa nos aspectos material e imaterial²⁸. A conquista não é, assim, um processo unilateral, de simples implementação pela força, mas um momento crítico que permite a interação múltipla em diversas direções, circunstâncias e ritmos históricos, na qual muitas vezes os conquistadores tornam-se por sua vez conquistados. Nesse contexto, os diversos grupos envolvidos na construção do “indiano”²⁹ e de suas tradições diferenciadas são conduzidos rumo a novos horizontes, conseguindo criar uma personalidade própria; uma “pérola estranha” será fortemente expressa na literatura, no teatro e na música do barroco.

Assim, os conquistadores e os clérigos tinham na música e no teatro uma importante estratégia de conquista e evangelização; o povo apropriou-se delas e as converteu em coisa sua, retirando-as da liturgia estrita e transformando-as em expressões populares e lúdicas. Nesse aspecto, se a transmissão da cultura popular realizava-se através de certos agentes

²⁸É o que García Canclini (2002), em um contexto contemporâneo, chama hibridização: “Processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam separadamente, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Deve-se esclarecer que as chamadas estruturas discretas foram o resultado de hibridizações, portanto não podem ser consideradas fontes puras”.

²⁹Referente às “índias”, como a América foi chamada durante praticamente todo o período colonial espanhol.

transmissores, que tinham a capacidade de gerar música, canto e literatura oral, e se estes eram os principais elementos decantadores da criação de novos arquétipos, não resta dúvida de que apenas podiam desenvolver-se em contextos de celebração coletiva indiferenciada, em ambientes que permitiam a existência da memorização e da transmissão como fenômenos coletivos.

No amplo contexto da região, um novo gênero de trovadores, músicos e poetas, que encarnavam acima de tudo a expressão dos crioulos, dos mestiços, dos setores de origem africano e peninsular, foi sendo criado, difundindo novas formas a partir dos estereótipos que eram comuns na península e em Terra Firme, o que criou, ao mesmo tempo, pautas originais, poderosas pela sua simplicidade, e empenhadas desde o princípio em diferenciar-se dos modelos metropolitanos. A maior parte das estruturas poéticas “descenderam” dos concursos de poetas de alto e baixo nível, fazendo da linguagem barroca um jargão inteligível. A partir dali, decantavam-se décimas, romances, seguidilhas, quintilhas, que só podiam se popularizar depois de serem despojadas de parte da “construção primorosa” dos seus cultivadores “sábios” nos encontros de poesia escrita, tão comuns no século XVII. Eram formas recriadas em torneios, desafios e encontros de poetas e cantores do povo, de modo improvisado e como repente. Os trabalhos e os dias dos trovadores populares que se dedicaram ao cultivo em campo aberto dessas estruturas rarefeitas dos jardins do culteranos barroco se explicam, no entanto, apenas em função das dimensões coletivas que permitiram sua conservação e seu cuidado até os nossos dias.

É neste sentido que a cultura popular na América sempre teve, e não apenas nos momentos finais do período colonial, um forte componente de cultura diferenciada, afirmando o caráter crioulo acima da ordem colonial e usando, nesse caso, a expressão cultural para intencionalmente distinguir-se dentro de um império que, por um lado, considerava sem maior valor aquilo que era produzido em suas próprias colônias, porém, por outro lado, o adotava alegremente, reapropriando-se dele e hispanizando-o. As modalidades de expressão pertenciam ao círculo da reprodução do literário e do musical da época, que nos finais do século XVI não estabelecia ainda fronteiras tão definidas entre o “popular” e o “erudito,” no qual inclusive interpunha-se um terceiro nível intermediário³⁰ ou em que as preferências se estabeleciam em relação com outras variáveis em moda nos diferentes países europeus (à inglesa, à francesa, alemã, italiana, portuguesa...), tudo de acordo com o momento e as circunstâncias. Daí também

³⁰Como propõe Burke (1997).

que a circularidade entre as diversas formas de expressão cultural tenha sido possível e estivesse de acordo com cânones similares em todo o continente, o que facilitava os paralelismos e a implantação das formas literárias e musicais em um contexto festivo, aberto e marcado por uma intensa mestiçagem em todos os sentidos. A recriação da sociedade espanhola na América, adensada por novos ingredientes, permite recuperar um espaço de interação desaparecido na metrópole. Nesse sentido, Weckmann (1984) tem razão ao falar de uma “herança medieval”, isto é, a persistência no Novo Mundo de uma reprodução do popular, mesmo atualizada, no sentido medieval: as classes populares habitavam um mundo rural dominado pela cultura vulgar, uma cultura em que o “feudal” recriava-se em muitos sentidos e se reproduzia em novos contextos, criando por sua vez outras derivações de difícil classificação. Por exemplo, a música de orquestra, tão apreciada no Renascimento europeu, era, em diversas partes da América, compartilhada e executada pelo povo. Dotações completas e séries de instrumentos foram rapidamente adotados por indígenas, negros e outras “castas”, e desde inícios do século XVI as ordenanças reais escandalizadas advertiam contra tamanha generalização e contra a quantidade de orquestras e grupos que escapavam ao controle da Igreja e dos maestros das capelas. Desde épocas muito iniciais da colonização, os “segredos” dos usos do ofício musical europeu haviam se socializado e gerado novas formas, sendo o uso de instrumentos básicos fácil de interpretar por qualquer, um como o famoso violão espanhol de cinco cordas. É por isso que no século XVII o barroco americano era algo dominado pelo uso do populacho, pois na América a circularidade que começa na Europa tende a desaparecer. Nesse sentido, uma das maneiras de reconstruir as dotações instrumentais e as técnicas do Renascimento ou do Barroco, ou ainda da música medieval, é conhecendo os gêneros populares do continente³¹.

O caráter essencialmente rural e primal das novas sociedades americanas facilitava a fusão a partir de elementos mais simples dentro do importado da Europa e África. Sua expressão referia-se a formas aprendidas, a cânones estruturados, mas sobre os quais aplicava-se uma grande quantidade de formas improvisadas, tanto na linguagem literária como na musical – tanto de tradição europeia como africana –, que irão criando estilos e variantes regionais cada

³¹A noção de barroco na sua extensão latino-americana e como conceito de época era a grande preocupação do pensamento de Bolívar Echeverría (1994) e aparece sempre em sua reflexão sobre as assimetrias naturais do barroco: era um “fato capitalista como modernidade afeudalada” que, por sua vez, produziu um ethos, uma maneira de pensar e atuar. Para ele, “é possível falar que a estratégia da mestiçagem cultural própria da tradição ibero-americana é uma estratégia barroca, que coincide perfeitamente com o comportamento característico do ethos barroco da modernidade europeia e com a atitude barroca do pós-renascimento frente aos cânones clássicos da arte ocidental”.

vez mais distintivas e identificáveis, sendo – sob características de longa duração – típicas de cada lugar até nossos dias. É por isso que, nesses novos amálgamas e na difusão do “castelhano atlântico”, é o lugar em que a cultura adquire sentido a partir da linguagem. As formas literárias, fundamentalmente andaluzas, fixam esses elementos com base em certas preferências de ritmo poético que estavam já contidas nas novelas, na poesia hispano-árabe, nas oitavas reais, nas redondilhas e nas décimas, aproximando-as em maior ou menor grau às variantes crioulas, que por sua vez tinham outras raízes fincadas na tradição da poesia cantada do mundo africano, e, em primeiro lugar, nas influências africanas na Espanha, anteriores à conquista e que já chegaram à América sujeitas a um intenso processo de mestiçagem, fusão e síntese. Todas essas formas prediletas – primeiro impostas e apropriadas rapidamente – remetem-se em última instância à frase octossilábica tão característica da fala, norma castelhana e galego-portuguesa, ainda que também às outras formas, como a irregular seguidilha derivada do *zéjel* árabe-andaluz, ou às versificações de cinco ou seis sílabas, que terão um sucesso particular em sua implementação nos novos contextos. Nesse contexto, a “cultura de conquista” insistirá em regularizar e solidificar essa forma em exemplos essenciais de bela simplicidade e regularidade. O caráter da cultura caribenha e americana, sobretudo em suas complexas expressões, estará também marcado pelas festas e representações públicas, em especial pelas procissões e pelo ciclo dos carnavais que, sendo originalmente implantados pela Coroa e pela Igreja como instrumentos de controle, logo serão apropriados por essas instáveis “classes subalternas”, as quais vão pouco a pouco monopolizando-as, quebrando suas estruturas originais e dando passagem a riquíssimos conteúdos literários, teatrais e coreográficos.

Algumas considerações seriam necessárias aqui sobre a historicidade dessas formas culturais, as quais darão coerência temática ao cancionero caribenho³². Em primeiro lugar, teriam a ver com a maneira como as instituições e as rotinas econômicas foram marcando as preferências e os estilos, determinando, em muitos casos, os temas, os modos e as instrumentações. Daí parte, fundamentalmente, a necessidade de conferir um marco histórico-social ao feito cultural específico, no qual a geografia deve ser vista necessariamente como um processo acumulativo ligado à formação das redes econômicas. Também seria necessário perguntar até que ponto as sobrevivências constituem peças-chave para a reconstrução histórica, em especial das formas sociais que não são possíveis de rastrear a partir de pura indagação econômica e social do passado.

³²No livro *El mar de los deseos* do qual este texto é o primeiro capítulo, o autor faz um amplo estudo sobre o cancionero caribenho.

O importante aqui é que ambos itinerários se complementam surpreendentemente, pois não é possível explicar as formas atuais e sua distribuição sem essa reconstrução das redes econômicas que deram coerências e continuidades à grande região do Caribe, nem estas serem entendidas sem o componente indispensável da reprodução, a mistura cultural e seus diferentes âmbitos e níveis. Não se trata de demonstrar a preeminência do econômico, nem de postular um determinismo nada original nesse sentido, mas sim mostrar uma sugestiva interação entre várias esferas da vida social. No fim das contas, o modo como se produzem as formas e as estruturas culturais é essencialmente de caráter histórico. Ao sê-lo, tem existência autônoma, anterior ao indivíduo, que herda essas formas e as reproduz conforme os cânones estabelecidos anteriormente, desenvolvendo novas mudanças a partir dos estilos pessoais de interpretação do que é herdado. Se um dos traços da cultura é ser maleável, os vestígios e as sobrevivências geralmente refletem as estruturas anteriores, permitindo a reconstrução histórica. Ao possuir uma matriz comum, a cultura converte-se ao mesmo tempo em uma fonte inesgotável e original para a recuperação do passado, recriando o resultado da transmissão de experiências acumuladas de uma geração e de uma cultura para outra. As mudanças implicariam não apenas transformações do ambiente, mas também do grupo social e das relações deste com outros grupos e, sobretudo, com a produção de bens materiais³³.

No contexto particular do *Gran Caribe*, é importante se referir não apenas a essa transmissão do cultural, mas também ao desenvolvimento paulatino que se dá do rural ao urbano, à crescente formação das cidades, o que incide sobre as estruturas da vida cotidiana ao longo dos séculos. Em primeiro lugar, porque as novas sociedades americanas vão transmitir muito lentamente esse caminho, considerando, nesse sentido, um atraso em relação à Europa. As transformações em direção a uma sociedade urbana não serão visíveis até o século XVIII, e determinarão a substituição de certas formas transmitidas, bem como seu deslocamento e novas condições de reprodução do cultural, que se expressarão de maneira mais lenta. No caso da música, isso é claríssimo, pois a substituição do cancionero de ritmo preferencialmente ternário por um binário – o processo conhecido como binarização e popularização – não apenas terá a ver com as novas ondas de chegada de africanos originadas pela intensificação do tráfico escravista em alguns países, de finais do século XVIII e ao longo do século XIX – o que determinará suas preferências rítmicas, modais e instrumentos –, mas também com a evolução dos novos gêneros de salão de origem europeu, que se generalizam, deslocando e confinando o

³³FABREGAT, Claudio Esteva. “El concepto de cultura”. In BERENGUER, A. C. et al. (Orgs.). *Sobre el concepto de cultura*. Barcelona: Mitre, 1984.

cancioneiro original de forte raiz hispânica – do Renascimento e do Século Ouro – às zonas rurais dos principais portos, onde mantém uma coerência que até hoje ultrapassa as fronteiras e territórios intermediários de terra e mar. A nova cultura popular de finais do século XVIII não conseguirá, no entanto, suplantar completamente o prolongado caráter “barroco” da música, das tradições literárias conhecidas e improvisadas do mundo ibero-americano. Também aqui, onde a relação do culto e do popular é mais difusa e prolongada, o barroco requer um ajuste em relação aos períodos mais delimitados e as formas mais identificáveis que a Europa adota. O Século de Ouro, o barroco literário, relaciona-se em última instância com o traslado do “tesouro americano”, tesouro que se refletirá não apenas nas letras – na literatura e a música escrita –, mas que será melhor expressado e conservado em uma cultura popular ágrafa e coletiva, recriada nos contextos do colonial e dos posteriores processos de dependência.

Da mesma forma, e por um período prolongado, as expressões musicais continuarão tendo a ver com os dois polos mais visíveis: a música popular de estilo hispânico, perpetuada principalmente pelo cancionero ternário colonial; e as tonalidades e modalidades trazidas da África pelos escravos, que conseguem colorir a música culta e as danças e contradanças de salão, produzindo uma cultura “popularesca” (como diria Bartok) que, tanto no Caribe como nos Estados Unidos, converter-se-ão posteriormente em um rico filão de expressões mais complexas e universais, as quais persistem até hoje na música digna de nota de todo o continente.

Nessas circunstâncias, a música não é apenas um veículo de acompanhamento, mas sim toda uma linguagem dotada de uma dinâmica própria e contrapontística, que irá cimentando a reprodução do cultural e estará sujeita a mudanças regionais, a “variantes dialetais sonoras” claramente identificáveis. As mudanças e as inovações permanentes, assim como a presença e a ausência de certas características, também adquirem significados. As regras da conduta musical não são convenções culturais arbitrárias e podem refletir diversos graus de consciência das forças sociais que constantemente estão buscando um equilíbrio. Isto é assim porque a expressão musical é também um código que se explica por si mesmo e que, sem recorrer de maneira necessária à linguagem falada, produz seus próprios campos semânticos, seus referentes no que diz respeito às expressões das emoções e à evocação dos contextos: rurais e urbanos, rituais e seculares, mais ou menos “eruditos” ou “populares” etc. Assim, as correntes da cultura e da sociedade seriam expressas, no que se refere à música, em sons e ritmos “humanamente organizados” (BLACKING, 1980) e territorialmente distribuídos, para o que devemos levar em conta as energias econômicas e sociais que fazem possível a criação desses

espaços regionais e culturais próprios, e que ao mesmo tempo não se explicam sem sua própria “música de fundo”.

A morada de todas essas possibilidades interpretativas é um Caribe decantado em camadas estratigráficas, vivo e em interação, constantemente varrido e retornado, como as areias de uma praia pela maré, das influências exteriores que vão e vêm, que são selecionadas e adotadas ou descartadas sem mais delongas. Trata-se – nessa primeira globalização que deu origem à cultura caribenha – de formas migrantes, de reinvenções criativas implantadas em novas terras, de culturas movimentadas, desterritorializadas pela dinâmica da criação da primeira economia-mundo no século XVII. Todos esses sentidos deixaram sua marca diferencial nas diversas camadas das expressões atuais da cultura popular do *Gran Caribe*.

Referências

- ÁVILA, Juan de. *Relación verdadera que como testigo de vista haze el reverendo padre Fray Jhoan de Abila [...] del saco y suceso que hizo la Armada y Junta de Piratas en la Ciudad de la Nueva Veracruz el 18 de mayo de 1683*. México: Alcancia, 1937.
- BELTRAN, Gonzalo Aguirre. *La población negra de México*. México: FCE/Estudio etnohistórico, 1946.
- BENITEZ ROJO, Antonio. *La isla que se repite*. Barcelona: Casiopea, 1989.
- BLACKING, John. *Le sens musical*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- BURKE, Peter. *La cultura popular en la Europa moderna*. Madrid: Altaya, 1997.
- BUXÓ, José Pascual. (edição e prólogo.). *Arco y certamen de la poesía mexicana colonial (siglo XVIII)*. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1959, p. 18.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 2002, p. III.
- CARTAY, Rafael. *Ideología, desarrollo e interferencias del comercio caribeño durante el siglo XVII*. Caracas: Biblioteca da Academia Nacional de Historia, 1988.
- CHAUNU, Pierre y Huguette. *Séville et 'Atlantique, 1504-1650*. Paris: IHEAL, 1955-1959. 9 vols.
- CUNILL GRAU, Pedro. “La geohistoria” In: CARMAGNANI, Marcello; CHAVEZ, Alicia Hernández; ROMANO, Ruggiero. *Para una historia de América T. Las estructuras*. México: Fondo de cultura economica/El Colegio de México/Fideicomiso Historia de las Américas, 1999, pp. 13-159.

- ECHEVARRÍA, Bolívar. “El ethos barroco”. In ECHEVARRÍA, Bolívar (org.). *Modernidad, mestizaje cultural y ethos barroco*. México: El equilibrista/UNAM, 1994.
- FOSTER, George M. *Cultura y conquista: la herencia española en América*, Xalapa: Universidade Veracruzana, 1960.
- GARCÍA DE LEÓN, Antonio. “El Caribe afroandaluz: permanencias de una civilización popular.” *La Jornada Semanal*. N. 135. México, 12 de janeiro de 1992.
- GARCIA LEON, A. *Tierra adentro, mar en fuera. El puerto de Veracruz y su litoral a Sotavento, 1519-1821*. México: Fondo de cultura econômica, /Governo de Vera Cruz /Universidade Veracruzana, 2011.
- HUMBOLDT, Alexander Von. *Ensayo político sobre el Reino de la Nueva Espanha*. México: Porrúa, 1984.
- LAPESA, Rafael. “Orígenes y expansión del español atlántico.” In GOIC, Cedomil (comp.). *Historia y crítica de la literatura hispano-americana*. vol. 1: época colonial. Barcelona: Crítica, 1988, pp. 65-74.
- LE BRETON. *El sabor del mundo. Una antropología de los sentidos*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007:
- LEONARD, Irving. *La época barroca en el México colonial*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.
- NAZARIO, Manuel Álvarez. *Arqueología lingüística. Estudios modernos dirigidos ao resgate e reconstrução do Arawak Taino*. San Juan: Editorial da Universidade de Porto Rico, 1996.
- NAZÁRIO, Manuel Álvarez. *El elemento afronegroide en el español de Puerto Rico. Contribución al estudio del negro en América*. San Juan de Puerto Rico: Instituto de Cultura Puertorriqueña, 1974,
- ORTIZ, Fernando. *El huracán. Su mitología y sus símbolos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1947.
- PARRY, John H. SHERLOCK, Philip. *Historia de las Antillas*. Buenos Aires: Kapelusz, 1976.
- RODRÍGUEZ LORENZO, Sergio M. *La Carrera de Índias. La ruta, los hombres, las mercancías*. Cantabria, 2012.
- SAINT-MÉRY, Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de L'Isle de Saint-Domingue*. 2 tomos. Filadelfia, 1797- 1798.
- TePASKE, John. “La política española en el Caribe durante los siglos XVII y XVIII.” In: RODRIGUEZ, Antonio Acosta y FERNANDEZ, Juan Marchena (comps.). *La influencia de*

España en el Caribe, la Florida y la Luisiana, 1500- 1800. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983, pp. 62-63.

TORRES RAMÍREZ, Bibiano. *La Armada de Barlovento*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispanoamericanos, 1981.

VEJA, Carlos. *Panorama de la musica popular argentina, con un ensayo sobre la ciencia del folklore*. Buenos Aires: LOSADA, 1944 [Edição fac-símile em homenagem ao centenário de Carlos Veja, 1988].

VON GRAFFENSTEIN, Johanna. *Nueva España en el Circuncaribe, 1779-1808. Revolución, competencia imperial y vínculos intercoloniales*. México: UNAM, 1997.

WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México: El Colegio de México, México, 1984, 2 vols.

Recebido em 05 de agosto de 2020.

Aceito em 11 de outubro de 2020.